

# COMO FAZER UMA BOA REDAÇÃO PARA O ENEM? ANÁLISE DE PROPOSTAS DE UM PERFIL DO INSTAGRAM

## HOW TO WRITE A GOOD ESSAY FOR ENEM? ANALYSIS OF INSTAGRAM PROFILE PROPOSALS

Lívia Barbosa da Silva 1  
Hérica Karina Cavalcanti de Lima 2

**Resumo:** As tecnologias digitais modificaram as relações entre os indivíduos com o tempo; logo, o ensino também sofre alterações para se adequar às novas interações, como ocorre com a rede social Instagram. Portanto, professores aderiram a perfis na rede como ferramenta de ensino da redação do Enem. Sabendo disso, baseados nos estudos de Geraldi (2011), Koch e Elias (2010) e outros, este trabalho visa analisar publicações de um perfil público de Instagram que, com cerca de 42,8 mil seguidores e 669 postagens, propõe-se a ensinar práticas para a produção de uma boa redação do ENEM, com o objetivo de refletir sobre concepções de texto e de escrita que fundamentam as propostas sugeridas no perfil, bem como a perspectiva de ensino de Língua Portuguesa em que se baseiam tais propostas. Os resultados apontam que o perfil utiliza na Gramática Tradicional, tendo o texto como produto final, fugindo da concepção adotada.

**Palavras-chave:** Concepções de Língua(gem). Texto e Escrita. Redação do ENEM. Instagram.

**Abstract:** Digital technologies have changed relationships between individuals over time; as a result, teaching is also changing to adapt to new interactions, as is the case with the social network Instagram. Teachers have therefore used profiles on the network as a tool for teaching the Enem essay. Therefore, drew on the studies of Geraldi (2011), Koch and Elias (2010) and others, this work aims to analyze publications of a public Instagram profile which, with around 42,800 followers and 669 posts, proposes to teach practices for producing a good ENEM, essay with the aim of reflecting on the conceptions of text and writing that underpin the proposals suggested in the profile, and the perspective of Portuguese language teaching that these proposals are based on. The results show that the profile uses Traditional Grammar, with the text as the end product, which is different from the concept adopted.

**Keywords:** Text teaching. Instagram. Conceptions of language (gem). Digital teaching.

- 
- 1 Licenciada em Letras – Português e Espanhol (UFRPE). Atualmente, cursa Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente (UFRPE – EaD). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5210553382677662>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4873-4532>. E-mail: [liviabarbosads@gmail.com](mailto:liviabarbosads@gmail.com)
  - 2 Doutora em Educação (UFPE), Mestre em Educação (UFPE), Especialista em Língua Portuguesa (UPE/Campus Mata Norte) e Licenciada em Letras – Português e Inglês (UPE/Campus Mata Norte). É Professora Adjunta do Departamento de Letras (UFRPE). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7078742576743942>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1710-2292>. E-mail: [herica.lima@ufrpe.br](mailto:herica.lima@ufrpe.br)

## Introdução

As redes sociais vêm modificando a forma como os sujeitos se relacionam no decorrer dos últimos anos. Nos espaços virtuais, as pessoas leem e produzem novos e diferentes textos. Consequentemente, a educação e o ensino de Língua Portuguesa também se adaptam ao surgimento de novos gêneros textuais.

Uma das redes sociais onde essas interações têm acontecido com muita frequência nos últimos tempos é o *Instagram*. Biadeni (2019) aponta que, em 2018, o aplicativo *Instagram* cresceu em quantidade de usuários, alcançando a marca de 1 bilhão de usuários ativos na rede. No Brasil, até a data de coleta de dados, a rede contava com cerca de 64 milhões de usuários ativos. Dessa forma, pode-se notar que a quantidade de conectados é grande e, por usarem a rede para vários fins, inclusive educacionais, torna-se necessário que o professor comece a refletir sobre o modo como os usos dessa plataforma podem interferir nas suas práticas, seja pelo surgimento de novos gêneros, seja pelos conteúdos e possibilidades de aprendizado que passam a circular nesse espaço.

Recuero (2012, p. 17-18 *apud* Biadeni, 2019) afirma que as conversas que ocorrem no meio digital influenciam a cultura do país, pois, a partir delas, é possível organizar manifestações políticas, repassar informações, memes, entre outros. Dessa forma, na atualidade, não se pode mais desvincular o meio *on-line* do *off-line*, incluindo a educação, pois,

No âmbito escolar, o computador passou de ferramenta de pesquisa para o acesso a plataformas de educação a distância (EAD), canais educacionais no YouTube, páginas de sites de rede social como o Facebook que tiram dúvidas do vestibular além de diversos outros conteúdos voltados para o ensino que permeiam os ambientes *on-line* (Biadeni, 2019, p. 2).

Nessa reflexão, inclui-se também o *Instagram*. Dessa forma, é importante observar os usos que os brasileiros fazem nessas redes. Sobre isso, Amadeu (2019, p. 24 *apud* Biadeni, 2019) afirma que

é preciso realçar que 37% das conectadas e conectados brasileiros, em 2017, publicaram conteúdos próprios na internet, ou seja, 1 em cada 3 pessoas postou suas próprias criações, textos, imagens, vídeos ou músicas. Essa incrível força criativa reforça a diversidade e, simultaneamente, aumenta a concentração de poder nas plataformas, estruturas sugadoras das criações sociais. (...) Quem mais publica está na faixa dos 16 aos 34 anos (45%) e esse percentual vai caindo com a elevação da idade. Curiosamente, as imensas diferenças de classe são bem reduzidas quando se trata de postagem do seu próprio conteúdo na rede. Postaram suas criações 39% das classes A e B, 36% da C e 35% da D e E. Essa informação precisa ser melhor compreendida.

Dentre esses criadores de conteúdo brasileiros, estão muitos professores que, nos últimos anos, passaram a utilizar o *Instagram* para socializar trabalhos feitos em sala de aula, seja para criar um vínculo maior com os estudantes e seja para promover/divulgar práticas de ensino de língua. Com a pandemia da COVID-19 e o isolamento social, observou-se ainda mais esse uso, uma vez que esses profissionais se viram necessitados de buscar novas oportunidades de trabalho, as quais

passaram a ser ampliadas na modalidade virtual, bem como um contato mais próximo com seus alunos, visto que o contato físico estava impossibilitado.

Nesse contexto, as redes sociais aparecem como apoio essencial nesse processo de troca de experiências e materiais, o que fez o *Instagram* receber novos perfis educacionais, nos quais professores compartilham *stories*, *posts*, *reels* e *lives* com funções pedagógicas. Em face disso, ampliaram-se os perfis de professores de redação com orientações para o Enem, cada vez mais seguidos e "consumidos" por estudantes que almejam aprovação nesse exame. Assim, surge também uma inquietação, por parte dos estudiosos da língua e do seu ensino, quanto às concepções de língua(gem), de texto e de escrita que fundamentam as postagens desses professores, bem como se são as mais adequadas para a formação do produtor de textos autônomo.

Nesse sentido, esta pesquisa se justifica pelo fato de ser necessário atentar para a crescente adesão de professores e estudantes a perfis educacionais no *Instagram*, refletindo sobre o que está sendo ensinado e sobre o que os alunos estão acessando e consumindo nessa rede em termos de produção de texto. Este estudo objetiva, de um modo mais geral, analisar um perfil de *Instagram* que se volta para o ensino da redação do Enem; e, de modo mais específico: a) reconhecer as concepções de língua(gem) adotada nas publicações do perfil analisado; b) identificar a concepção de escrita que subjaz a essas publicações; c) refletir sobre o produtor de textos que pode estar sendo formado a partir dessas práticas. Para alcançar tais objetivos, embasamo-nos teórico-metodologicamente nos estudos de Geraldi (2011), Koch e Elias (2010) e outros.

O presente artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: primeiramente, é apresentada a abordagem metodológica adotada para analisar os dados e, em seguida, a base teórica que fundamenta a pesquisa. Em seguida, nas discussões, são apresentadas as reflexões acerca das publicações do perfil do *Instagram* que é objeto de análise e, por fim, as considerações finais e as referências.

## Percurso Metodológico

A abordagem metodológica qualitativa adotada neste estudo possibilita ao investigador, segundo Godoy (1995), conduzir seu estudo a partir de um plano predefinido e com diferentes suposições, assegurando a qualidade das inferências realizadas. Conforme apontado pelo autor, esse tipo de pesquisa encontra embasamento em uma variedade de abordagens teóricas, o que vai ao encontro das investigações desenvolvidas no âmbito da educação e linguagem.

Neves (1996), por sua vez, defende que a pesquisa qualitativa é direcionada pelo seu desenvolvimento. Sendo assim, o pesquisador não busca enumerar e apenas medir eventos, mas descrever e analisar as situações isoladas de cada um.

De natureza qualitativa, este estudo também se caracteriza como sendo documental, uma vez que se volta para postagens, as quais, ainda que virtuais, configuram-se como elementos representativos de um momento sócio-histórico.

Assim, para realização deste estudo qualitativo e documental, definimos alguns dos critérios para seleção dos perfis que poderiam ser objetos de análise nesta pesquisa: i) ser público; ii) possuir número de seguidores superior a 10 mil; e iii) ter frequência e regularidade nas publicações. Assim, o perfil escolhido para ser estudado é público, pertence a um docente dedicado ao ensino da redação do Enem e possuía, no momento da coleta de dados (janeiro de 2023), 42,8 mil seguidores e 669 postagens. Na nossa análise, esse perfil será chamado de "@perfil", com vistas a resguardar a identidade do criador.

Diante do considerável volume de publicações, foi efetuada uma seleção específica, e, para fins da pesquisa, duas publicações de maior relevância foram escolhidas como corpus de análise, quais sejam aquelas que receberam maior interação, tanto em forma de curtidas quanto de comentários. É importante considerar os comentários de postagens como essas, pois eles trazem questionamentos dirigidos ao professor e interações entre os usuários, evidenciando uma maior participação entre os seguidores e o criador do perfil. Contudo, vale ressaltar que, no decorrer deste trabalho, esses comentários não serão submetidos à análise, visto que o foco se dá especificamente nas propostas das postagens, o que poderá permitir que façamos inferências sobre as concepções

de língua(gem) e de escrita adotada pelo professor ao criar e compartilhar conteúdos, assim como do perfil do produtor textual que poderá ser formado a partir dessas práticas.

## A redação do Enem

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi criado em 1998 com o intuito de avaliar o desempenho dos estudantes ao terminarem a Educação Básica. No entanto, em 2009, passou a ser a porta de entrada para grande parte das Instituições de Ensino Superior (IES) do país, por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

Atualmente, o exame ocorre em dois dias: no primeiro, o candidato responde a 45 questões de Ciências Humanas, 45 de Linguagens e produz uma redação. No segundo, responde a 45 questões de Ciências da Natureza e 45 de Matemática.

A prova de redação do Enem consiste em um texto de natureza dissertativo-argumentativa, em formato de prosa, cuja extensão deve variar entre 8 e 30 linhas. Nesse contexto, os participantes são convidados, a partir de uma proposição fornecida, a apresentar uma tese sustentada por argumentos coerentes e coesos, formulando, na conclusão, uma proposta de intervenção para solucionar a questão apresentada. De acordo com a Cartilha do Estudante, avalia-se, nessa produção, se o estudante é capaz de atender às seguintes Competências:

- I) Demonstrar domínio da norma culta da língua portuguesa;
- II) Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo;
- III) Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista;
- IV) Demonstrar conhecimento dos mecanismos necessários para a construção da argumentação;
- V) Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, demonstrando respeito aos direitos humanos (Brasil, 2005, p. 47).

Esses critérios de avaliação são previamente estabelecidos e, portanto, são de conhecimento dos candidatos. Vê-se, então, que um bom resultado nessa prova depende da combinação eficaz de diversas variáveis, como a compreensão da proposta, o conhecimento acerca da composição e dos componentes do gênero, o domínio da língua e a capacidade de construir a argumentação, entre outras. Em outras palavras, espera-se a produção de um texto que atenda a determinada função social, elaborado por um produtor autônomo, que se mostre bom usuário da língua.

Devido à abrangência do Enem como um teste nacional determinante para o ingresso nas principais IES do país (sendo também aceito em algumas instituições internacionais), a redação ocupa lugar de destaque no ensino de produção de texto nas escolas e constitui-se como um dos principais motivos para os estudantes procurarem apoio em cursos, aulas e vídeos que circulam na internet para se sentirem mais preparados.

Seja nas práticas escolares, seja em outros espaços de circulação desses conhecimentos, é comum notar um foco maior no texto enquanto produto, ao invés de uma visão de escrita como processo. Nesse sentido, Koch e Elias (2010) afirmam que essa forma de conceber o texto e a escrita, muitas vezes alimentada por diversos perfis do *Instagram*, impede o desenvolvimento de sujeitos capazes de produzir textos de maneira crítica, colaborando para a construção de aluno com postura de mero reproduzidor.

## O ensino de produção textual

Refletir sobre a escrita pressupõe refletir sobre a língua e sobre o texto. Pensar a língua significa, segundo Marcuschi (2008, p. 60), entender que se trata de “um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância”. Pensar o texto, por outro lado, significa entendê-lo como processo cujos sentidos se dão como fruto da interação entre autor-texto-leitor (Koch; Elias, 2010).

Nesse sentido, resgatamos, a partir de Geraldi (2011), as concepções de língua(gem) que, ao longo do tempo, fundamentam o ensino de Português nas escolas: a) linguagem como expressão do pensamento, predominante no ensino tradicional, para a qual a língua é um sistema de regras; b) linguagem como instrumento de comunicação, posição assumida pela Teoria da Comunicação, que vê a língua como um código, como transmissora de informações; e c) linguagem como forma de interação, que vê a língua(gem) como forma de interação humana, perspectiva sociointeracionista a partir da qual os interlocutores usam a língua para agirem uns sobre os outros.

Alinhadas a esses diferentes modos de entender a linguagem, observam-se também diferentes concepções de escrita e de texto. Koch e Elias (2010) assim explicam essas concepções: a) escrita com foco no escritor, ou seja, como expressão do pensamento, na qual o sujeito seria um ser psicológico, individual, dono e controlador absoluto de suas vontades e suas ações. Assim, aquele que escreve não levaria em consideração as experiências e conhecimentos do leitor ou a interação desenvolvida no processo de leitura; b) escrita com foco na língua, que se volta para o conhecimento das regras gramaticais, na qual o sujeito escritor seria (pré)determinado pelo sistema, e o texto, visto como produto da codificação feita pelo produtor e da decodificação realizada pelo leitor. Dessa forma, não haveria espaço para implícitos; e c) escrita com foco na interação, na qual a escrita é vista como produção textual, sendo necessário ao produtor ativar conhecimentos e mobilizar diversas estratégias para pensar no que será escrito com base no seu leitor em potencial. Nesse sentido, os sujeitos são atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto.

Essa concepção de escrita, que tem o foco na interação autor-texto-leitor, é a que adotamos neste estudo, uma vez que entendemos a escrita como uma atividade processual. Nessas concepções, os sentidos de um texto são construídos por meio da interação e demandam a utilização de diversas estratégias como: ativação de conhecimentos; seleção, organização e desenvolvimento de ideias; balanceamento entre informações implícitas e explícitas; revisão da escrita ao longo do processo, entre outras. Ela vai ao encontro da concepção sociointeracionista da língua(gem) (Geraldi, 2011), visto que ambas convergem ao entender que o autor do texto considera os saberes linguísticos, textuais e de mundo do interlocutor.

Sendo assim, é necessário pensar o ensino de produção textual do ponto de vista sociointeracionista da língua para, só então, o texto deixar de ser visto como um produto e passar a ser ensinado como um processo, seja na sala de aula, seja em espaços como as plataformas digitais. É sobre as propostas de trabalho com a produção de texto nesses espaços, mais especificamente do gênero redação do Enem, que refletiremos a seguir.

## Algumas reflexões sobre o @perfil: a promessa dos “argumentos perfeitos”

O @perfil contava, no momento das análises, como anteriormente apontado, com 669 postagens, nas quais são publicados dicas e “macetes” com a intenção de contribuir com o estudante no alcance seu objetivo de alcançar uma boa nota na redação do Enem.

As publicações do @perfil apresentadas abaixo tentam trazer um trabalho de contextualização sobre o tema da redação e sua relação com os argumentos, de modo a atender às Competências II e III. No entanto, tais sugestões nem sempre apontam para uma concepção sociointeracionista da língua(gem), como pode ser observado a seguir.

Figura 1. Sequência de publicações do feed do @perfil



Fonte: Instagram do @perfil (2023).

Analisando a publicação acima, disponibilizada no *feed* do @perfil em formato de carrossel (quando o usuário anexa várias fotos em uma mesma publicação, criando uma sequência de informações), vê-se que são apresentados 6 possíveis temas, acompanhados de argumentos considerados “perfeitos” para a maioria deles. No entanto, essas sugestões não são contextualizadas e partem do pressuposto de que o texto é algo pronto, no qual partes pré-definidas podem ser encaixadas. Essa visão vai de encontro à perspectiva sociointeracionista da língua(gem) (Gerald, 2011), uma vez que desconsidera o texto como processo que se dá num contexto situado histórica e socialmente.

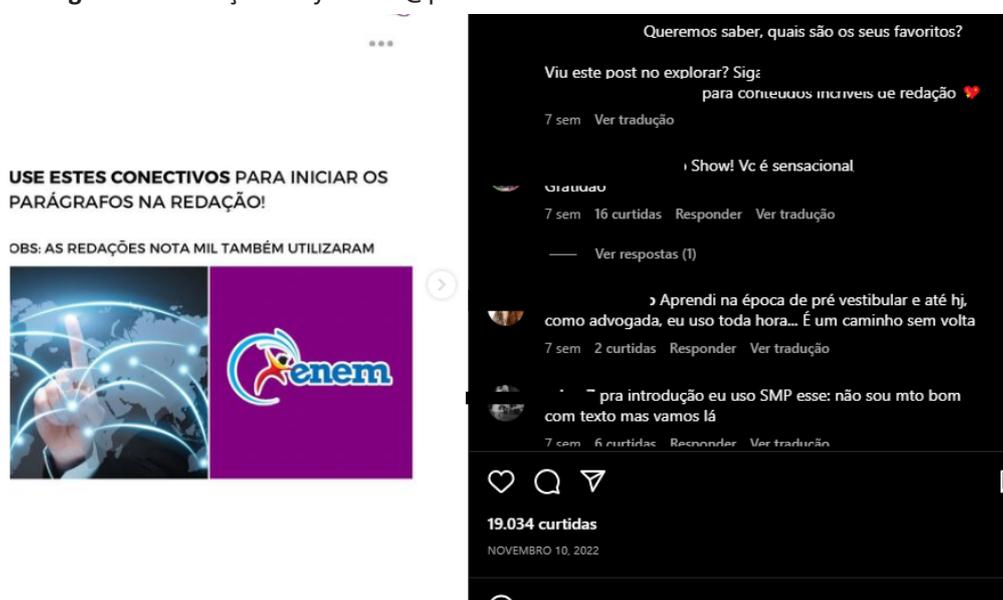
É preciso, segundo Wittke (2014), que, na produção de texto, haja o compromisso de se vivenciarem situações reais em que o estudante possa exercer o seu papel de cidadão e sujeito ativo na história que o cerca. No entanto, ao apresentar esse tipo de informação, que toma como base a ideia de “argumento perfeito” previamente preparado, a proposta do perfil em análise

tira do aluno essa posição de sujeito agente na história, colocando-o como um reproduzidor do que se considera “correto”. Pode-se perceber que, em cada tópico apresentado, o @perfil inicia a explicação com a palavra “sempre”, porém, novamente, sem justificativa para essa abordagem. Assim, como o estudante questionará o uso desses argumentos? Como ele saberá que, realmente, tais argumentos poderão ser sempre utilizados se cada situação de produção é nova? Como se vê, a ideia de texto pronto, de texto como produto é a que parece fundamentar postagens como essas, descaracterizando a possibilidade de vivências reais por parte dos produtores.

Quando voltamos nosso olhar para a quantidade de curtidas dessa postagem – até a data de coleta dos dados, havia 1.850 curtidas – nossa preocupação com a ideia de argumentação perfeita fica ainda mais evidente, pois essas ideias certamente passarão a fazer parte do repertório dos estudantes, que as mobilizará em escrita de redação independentemente do tema proposto.

Vejamos, a seguir, outras publicações desse mesmo perfil.

**Figura 2.** Publicações do *feed* do @perfil



**DESENVOLVIMENTO 1**

- Diante disso;
- Diante desse cenário;
- Diante dessa perspectiva;
- Acerca dessa lógica;
- Com efeito;
- Sob esse viés analítico;
- Sob essa ótica;
- Nessa perspectiva;
- Nesse contexto;



**DESENVOLVIMENTO 2**

- Ademais;
- Além disso;
- Outrossim;
- Por conseguinte;

**Conclusão**

- Portanto;
- Em suma;
- Por fim;
- Em síntese.

**Fonte:** Instagram do @perfil (2023).

A segunda publicação selecionada do @perfil, novamente em formato de carrossel, traz desta vez foco nos conectivos que podem ser utilizados na redação do Enem, de modo a atender à Competência IV. O título da publicação aparece com o verbo “usar” no imperativo (“Use”),

passando a ideia de que aquela é a forma indicada para construir a relação entre as partes do texto, mesma lógica percebida na Figura 1. O professor justifica a escolha de tais conectivos em redações nota 1000, mas não apresenta fundamentação para tal escolha nem explica que as relações que se desejam estabelecer entre as partes do texto é que determinam os usos dos elementos coesivos.

Mais uma vez, Wittke (2014) chama a atenção para o ensino de produção de textos, destacando que o trabalho com os mecanismos de coesão deve ser feito não com a finalidade de classificar e identificar os elementos textuais de modo descontextualizado, mas com o objetivo de ensinar o aluno dominar os usos da língua, de modo que possa:

analisar as estratégias que asseguram a coesão e a coerência, dominar o uso do vocabulário de modo criativo e dinâmico, estabelecer relação entre a classe e a função dos vocábulos na unidade maior que é o enunciado; exercitar o uso de frases que envolvem os processos de coordenação e subordinação, dentre outras atividades dessa natureza (Wittke, 2014, p. 277).

Como se vê, essa sequência de postagens sobre uso de elementos coesivos, mais uma vez, remete à ideia de língua como código, de texto como um produto e de escrita com foco na língua (Koch; Elias, 2010). A ideia subjacente a propostas como essa é a de que, para escrever bem, basta decorar elementos da gramática, classificá-los e “encaixá-los” nos lugares certos, como se “preenchessem lacunas”.

Ao observarmos que essa postagem foi curtida, até o momento da coleta dos dados, por 19.034 usuários, ficamos ainda mais alertas a respeito dos conteúdos de ensino de produção escrita que circulam nas redes sociais. A própria imediatez da rede, a quantidade de postagens dessa natureza e com essas concepções circulando nesse espaço, bem como a ideia de uma boa nota na redação facilmente propagada podem levar o estudante a acreditar que o texto é tão somente um somatório de partes prontas, uma fórmula, uma receita mágica a ser colocada em prática.

Nos dois exemplos de postagens observados, é possível reconhecer, como já dito, o texto não como uma produção, mas como uma composição de partes prontas, cabendo ao estudante apenas montar essas partes. Nesse sentido, não se percebe nessas práticas um movimento para formação de um produtor de textos autônomo, mas de um mero reproduzidor, preenchedor de espaços conforme fórmulas dadas. Ao que se vê, propostas como essas estão muito longe da perfeição...

Diferentemente disso, o que se espera de propostas de ensino de produção textual, seja em salas de aula físicas ou on-line, é que se considerem as especificidades do mundo de hoje, como destaca Suassuna (2014), um mundo fluido e heterogêneo, semiotizado e no qual homens e mulheres vivem coletivamente enraizados. Segundo a autora, esse reconhecimento do mundo que nos cerca nos leva “a olhar para a linguagem amalgamando suas propriedades normativas, notacionais e organizacionais, mas também simbólicas, discursivas e enunciativas” (p.19), o que exige, certamente, usos linguageiros muito distintos dos propostos nas postagens analisadas.

## Considerações Finais

Em linhas gerais, a partir dessas breves análises realizadas e considerando os objetivos propostos – reconhecer as concepções de língua(gem) adotadas em publicações do perfil, identificar a concepção de escrita que subjaz a essas publicações e refletir sobre o produtor de textos que pode estar sendo formado a partir dessas práticas – pode-se observar que o @perfil, a partir do recorte analisado, apresenta modelos prontos e com pouca ou nenhuma contextualização para uso nas redações do Enem. Para tanto, utilizam-se algumas palavras que servem de “gatilho” para chamar a atenção do estudante, como foi visto principalmente na Figura 1, em que o se utiliza a expressão “argumento perfeito” como justificativa para o que foi apresentado, mas não mostra o porquê de eles serem considerados perfeitos, tampouco se considera o texto como evento que se

dá em um contexto historicamente situado.

Sendo assim, vê-se que o ensino de produção de texto proposto por essas publicações ainda está distante da concepção sociointeracionista da língua e traz, frequentemente, questões que consideram o texto como um produto. Dessa forma, não se concebe a escrita como um processo de produção textual, em que a interação tem papel fundamental. Pelo contrário, busca-se a apropriação de regras e a apresentação de argumentos e repertórios prontos para serem utilizados. Práticas assim não colaboram para a formação do produtor de textos autônomo, capaz de alcançar objetivos sociais através da escrita, como um bom resultado na redação do Enem.

Nesse sentido, é preciso continuar problematizando o conteúdo que está sendo consumido pelos estudantes em perfis de redes sociais que se voltam para o ensino da produção textual, uma vez que, nem sempre, as propostas veiculadas nesses meios levam em consideração a autonomia e a autoria do estudante. Então a escola e as famílias devem levantar debates que façam os discentes refletirem acerca dos perfis que estão acompanhando, principalmente na reta final do Ensino Médio, já que esses professores aparecem com a promessa de caminhos mais fáceis para alcançar a nota 1000 na redação do Enem.

Também é importante, na Academia, uma atenção maior a esse assunto, pois, em uma rápida pesquisa no Repositório Capes, não foram encontradas muitas produções que se voltam para essa temática. Porém, se considerarmos a quantidade de estudantes, com acesso à internet, que buscam esse conhecimento nas redes sociais e o quanto isso ainda tende a aumentar, teremos ainda mais certeza da relevância desse debate, sempre com vistas à formação de produtores de texto competentes.

## Referências

BIADENI, B. Studygrams: comunicação, consumo e os novos modos de estudar do estudante conectado. **42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belém, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). A redação no Enem 2022: cartilha do participante. Brasília, 2022.

ELIAS, V. M.; KOCH, I. V. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley. **O texto em sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011. *Ebook*.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnc/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 19 dez.2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

SUASSUNA, Lívia. As práticas de linguagem como objeto de ensino-aprendizagem de língua portuguesa. In: FERRAZ, T. F. e SUASSUNA, L. (Orgs.). **Ensino da Língua Portuguesa na educação básica: reflexões sobre o currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 69-94

WITTKÉ, C. I.. O papel do texto na aula de língua sob uma perspectiva interacionista. **Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**. Brasil, São Paulo, v. 1, n. 11, p. 103–126, Set. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reaa/article/view/11593/13361>. Acesso em: 19 dez. 2023.

Recebido em 22 de maio de 2023.

Aceito em 13 de junho de 2023.